

# LÍNGUA DE TRADIÇÃO E LÍNGUA TÉCNICA<sup>1</sup>

## *Überlieferte Sprache und technische Sprache*

Martin Heidegger

Tradução de Renato Kirchner<sup>2</sup>

### *Observação preliminar*

Os elementos subjacentes ao tema são tão diversos que apenas certos aspectos podem ser discutidos na conferência. A conferência deve servir apenas como uma oportunidade para promover um debate. E este, por sua vez, não deveria informar, mas sim ensinar, ou seja, deixar aprender. Ensinar é mais difícil do que aprender. A única vantagem é que o bom professor está mais avançado que os alunos, que ele tem muito mais a aprender do que eles, a saber, deixar aprender. (Aprender significa: colocara a nossa conduta em correspondência com aquilo que nos implica em cada oportunidade para o essencial.)

O título da conferência “Língua de tradição e língua técnica” pode parecer estranho. Ele também deve indicar que os termos que aparecem nele – língua, técnica, tradição – nomeiam algo que carece de uma definição suficiente. Suficiente em quê? Ao propor que, pensando nos termos mencionados, façamos a experiência do que hoje *é*, no que diz respeito ao nosso ser-aí, ameaçando e oprimindo. Essa experiência é necessária. Porque se estamos cegos para o que *é* e permanecemos rigidamente apegados às representações correntes sobre técnica e língua, então, retiramo-nos ou restringimo-nos à escola – à sua tarefa e trabalho – a força determinante que lhe advém.

“A escola” – isso significa todo o sistema escolar, do ensino básico à universidade. Esta é provavelmente a forma de escola mais rígida e estruturalmente atrasada da atualidade. Seu nome “universidade” se perpetua apenas como um título fictício.

---

<sup>1</sup> Traduzido do alemão *Überlieferte Sprache und technische Sprache*, editado por Hermann Heidegger e publicado pela editora Erker, em 1989, contendo 32 páginas.

<sup>2</sup> Doutor em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Docente do quadro permanente do Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião da PUC-Campinas e, atualmente, diretor da Faculdade de Filosofia da PUC-Campinas. E-mail: renatokirchner00@gmail.com.

Correspondentemente, o nome da “escola profissional” também está por trás de sua relação com seu trabalho na era industrial. É de se duvidar igualmente se os propósitos relativos à escola profissional, educação geral ou formação como tal ainda se apliquem às questões que são a marca da era técnica. Agora, pode-se certamente objetar: que importam as palavras se se trata das coisas? De fato. Mas e se não houvesse nada para nós e nenhuma relação suficiente com uma coisa, sem a língua que lhe correspondesse, não haveria língua alguma sem a relação certa com a coisa? Mesmo onde nos deparamos com o indizível, ele só existe na medida em que a significação da palavra nos leva ao limite da língua. Esse limite, também, ainda é algo linguístico e abriga a relação entre palavra e coisa.

Assim, não é indiferente o que os nomes “técnica”, “língua”, “tradição” nos dizem, como os ouvimos, se o que hoje se expressa neles, ou seja, o que nos atingirá amanhã e o que nos preocupava ontem. Portanto, a tentativa agora deve ser ousada para dar uma direção de uma meditação. Como há nisso um risco? Na medida em que meditação signifique: despertar o sentido do inútil. Num mundo em que só conta o que é imediatamente útil, que se baseia apenas no aumento das necessidades e do consumo, a referência ao inútil não deve falar sem dúvida, num primeiro momento, no vazio. Um distinto sociólogo americano, David Riesmann, em *A multidão solitária*<sup>3</sup>, afirma que na sociedade industrial moderna, para garantir sua existência, o potencial de consumo deve prevalecer sobre o potencial de gestão de matérias-primas e sobre o potencial de mão-de-obra. As necessidades, entretanto, são determinadas por aquilo que é considerado imediatamente útil. Dada a predominância do utilizável, o que deve e pode o inútil ainda fazer? O sentido das coisas é inútil de forma que praticamente nada pode ser feito diretamente dele. É por isso que a meditação que o pondera não tem utilidade prática, mas o sentido das coisas é o mais essencial. Porque sem esse sentido, o útil também permaneceria sem sentido e, portanto, nem mesmo seria útil. Em vez de discutir e responder a esta pergunta para nós mesmos, ouçamos um texto dos escritos do antigo pensador chinês Dschuang-Dsi<sup>4</sup>, um discípulo de Lao-Tse:

#### *A árvore inútil*

---

<sup>3</sup> David Riesmann, *Die einsame Masse*, Enciclopédia alemã de Rowohlt n° 72/73, Hamburgo, 1958, com uma introdução de Helmut Schelsky. Cf. ali p. 13.

<sup>4</sup> Dschuang-Dsi, *Das wahre Buch vom südlichen (O verdadeiro livro da terra das flores do sul)*. Traduzido do chinês para o alemão e explicado por Richard Wilhelm. Eugen Diederichs, Jena, 1923, p. 7. Cf. p. 33 e seguintes.

Hui-Dsi dirigiu-se a Dschuang-Dsi e disse: “Eu tenho uma grande árvore. As pessoas a chamam de árvore dos deuses. Ela tem um tronco tão nodoso e retorcido que não pode ser serrado a partir de uma guia. Seus ramos são tão tortos e retorcidos que não podem ser trabalhados com compassos e esquadrias. Aí está ela à beira do caminho, mas nenhum carpinteiro olha para ela. Assim são suas palavras, ó senhor, são grandes e inúteis, e todos se afastam delas de comum acordo.”

Dschuang-Dsi disse: “Vós nunca vistes uma marta agachada e esperando que algo acontecesse? Ela pula para frente e para trás sobre as vigas e não tem medo de pular alto até cair numa armadilha ou morrer amarrada. E também há o boi da montanha. Ele é grande como uma nuvem de tempestade; ele permanece lá poderoso. Mas ele naturalmente não pode pegar ratos. Da mesma maneira, vós tendes uma árvore tão grande e lamentais que não tem utilidade. Por que vós não a plantais numa terra estéril ou num campo amplo e vazio? Aí vós poderíeis passear na sua proximidade e dormir descansado sob seus ramos sem fazer nada. O machado e a machadinha não lhe reservam um fim prematuro e ninguém pode lhe fazer mal.

Que uma coisa não tenha utilidade e com o que vós não precisais vos preocupar!”

Dois textos semelhantes, com algumas modificações, podem ser encontrados em outra parte do escrito *O verdadeiro livro do país das flores do sul*. Eles nos permitem compreender que não há necessidade de nos preocuparmos com o que é inútil. Em virtude de sua inutilidade, possuem o inviolável e o permanente. Portanto, é errado aplicar o padrão de medida de utilidade ao que é inútil. Como nada pode ser feito disso, o inútil tem sua própria grandeza e poder determinante. Dessa maneira é que é inútil o sentido das coisas.

Se nos arriscarmos a meditar sobre as coisas e fatos que são nomeados pelas palavras “técnica”, “língua” e “tradição”, então, tal tentativa não tem consequência direta para as considerações que são feitas neste curso pedagógico para o planejamento prático das aulas. No entanto, pode ser que a perspectiva do inútil pode abrir um horizonte que determina todas as considerações práticas pedagógicas constantemente e em toda parte, mesmo que não prestemos atenção especial a elas.

A ousada tentativa de meditar sobre o que são “técnica”, “língua” e “tradição”, cada termo em si e na sua correlação, à primeira vista, apresenta-se como uma definição mais precisa dos conceitos correspondentes. Mas a meditação exige mais, ou seja, repensar as representações atuais dos elementos em questão. Este repensar não é feito por causa de uma “filosofia” particular. É o resultado do esforço em nosso pensamento e de dizer palavras básicas como “técnica”, “língua” e “tradição” para corresponder ao que hoje é. Uma única conferência pode, no entanto, discutir apenas algumas coisas e talvez selecionadas de forma adequada. O procedimento para isso é simples. Explicaremos primeiro as representações correntes da técnica, da língua e da tradição. Em seguida, perguntaremos em que medida essas representações são suficientes para responder ao que

hoje é. Finalmente, a partir dessas discussões, derivaremos um resumo sobre o que diz o estranho título da conferência. Tal resumo evidentemente evidencia uma certa oposição entre duas formas de linguagem. Surgem questões relativas a que tipo de oposição se trata, que domínio ele exerce, como diz respeito ao nosso próprio ser-aí.

É bem possível que vocês devem estar familiarizados com o que será dito a seguir. No campo da meditação e do questionamento meditativo, porém, nunca há nada familiar. Tudo o que é aparentemente conhecido logo se torna questionável, isto é, passa a ser digno de pensamento.

### *Técnica*

Trataremos desse tema com mais detalhes, porque a técnica – concebida adequadamente – atravessa todo domínio da área de nossa meditação. Quando falamos de técnica hoje, nos referimos à técnica das máquinas modernas da era industrial. Entretanto, esta caracterização também se tornou imprecisa. Porque na era moderna da indústria, uma primeira e uma segunda revolução técnica podem ser observadas. A primeira consiste na transição da técnica artesanal e de manufatura para a técnica de máquinas a motor. A segunda revolução técnica pode ser vista no surgimento e na descoberta da mais alta “automação” possível, cuja característica básica é determinada pela regulação e técnica de controle, a cibernética. O que o termo “técnica” significa em todos os lugares aqui não está imediatamente claro. Técnica pode significar: o conjunto de máquinas e dispositivos que se apresentam, tomados apenas como objetos disponíveis ou, então, em operação. Técnica pode também significar: a produção desses objetos, cuja produção é precedida do projeto e do cálculo. A técnica também pode significar: a copertença num conjunto de produtos e de pessoas e grupos humanos que trabalham na construção, produção, instalação, operação e monitoramento de todo o sistema de máquinas e aparelhos. No entanto, não descobrimos o que a técnica aproximadamente descrita realmente é a partir desta referência. Mas o campo está – pelo menos aproximadamente – delimitado, do qual estamos falando quando agora tentamos estabelecer as representações padrão de hoje sobre a técnica moderna numa série de cinco teses.

As teses devem ser listadas em primeiro lugar. A elucidação das mesmas, no entanto, não acompanha sua ordem, mas serão desenvolvidas em função das correlações que há entre elas.

Segundo a concepção corrente:

1. A técnica moderna é um meio inventado e produzido pelos seres humanos, isto é, um instrumento de realização para fins industriais, no sentido mais amplo, propostos pelo ser humano;

2. Como o instrumento mencionado, a técnica moderna é a aplicação prática das ciências naturais modernas;

3. A técnica industrial fundada na ciência moderna é um domínio particular no interior da civilização moderna;

4. A técnica moderna é a progressão constante e gradual da velha técnica artesanal de acordo com as possibilidades oferecidas pela civilização moderna;

5. A técnica moderna, como instrumento humano assim definido, exige que também seja colocada sob o controle humano, que o ser humano possa tratá-la como sua própria fabricação.

Ninguém pode contestar a exatidão das teses declaradas sobre a técnica moderna, porque cada um dos enunciados pode ser comprovado pelos fatos. Mas permanece questionável se essa exatidão é suficiente na parte mais própria da técnica moderna, isto é, naquilo que a determina previamente e do princípio ao fim. O caráter próprio da técnica moderna deve revelar em que medida, isto é, se e como no que é dito nas cinco teses é coerente.

É verdade que um olhar atento já mostra nas teses citadas que as representações comuns da técnica moderna estão reunidas em torno de uma característica básica. Esta pode ser definida por dois momentos que se relacionam um com o outro:

Como qualquer técnica mais antiga, a técnica moderna é considerada algo humano, inventado, implementado, desenvolvido, controlado e protegido de modo estável por seres humanos para seres humanos. Para confirmar o caráter antropológico da técnica moderna, basta apontar que ela se fundamenta nas ciências naturais modernas. Compreendemos a ciência como uma tarefa e uma conquista do ser humano. O mesmo se aplica no sentido mais amplo e abrangente da cultura, como o subdistrito no qual a técnica é operada. A cultura, por outro lado, tem como meta o cuidado, o desenvolvimento e a preservação do ser humano, a sua humanidade. É aqui que se situa a tão debatida questão: se, de fato, e em caso afirmativo, em que sentido a própria técnica e, portanto, ela mesma, contribui com algo para a formação humana ou se a põe em perigo e a ameaça.

O outro momento se configura ao mesmo tempo que a representação antropológica da técnica. Nós o chamamos de instrumental. O verbo latino *instruere* significa: dispor em camadas umas sobre as outras, construir, ordenar, instalar adequadamente. O

*instrumentum* é o dispositivo e a ferramenta, o instrumento de trabalho e meio de transporte – meios em geral. A técnica é vista como algo com que o ser humano lida, aquilo que utiliza com o intuito de obter um benefício. A representação instrumental da técnica permite que a história anterior da técnica seja pesquisada e avaliada uniformemente em todo seu desenvolvimento de uma forma plausível. Assim, da perspectiva da representação antropológico-instrumental da técnica, pode-se afirmar com certa justificativa que não há basicamente nenhuma diferença essencial entre um machado de pedra e o mais recente produto da tecnologia moderna, o *Telstar*<sup>5</sup>. Ambos são instrumentos, meios produzidos para fins específicos. O facto do machado de pedra ser uma ferramenta primitiva, enquanto o *Telstar* é um aparelho altamente complexo, significa uma diferença considerável de graus, mas não altera em nada seu carácter instrumental, ou seja, seu carácter técnico. Um, o machado de pedra, é usado para partir e cortar corpos menos duros encontrados na natureza. O outro, o satélite de televisão, serve como estação pra uma troca transatlântica direta de programas de televisão. No entanto, todos se apressarão em apontar que a considerável diferença entre os dois instrumentos dificilmente torna possível comparar os dois instrumentos um com o outro, a menos que se contente com o fato de que ambos têm em comum num carácter instrumental tomado de uma maneira inteiramente operatória e abstrata. Isso, no entanto, admite que o carácter do instrumental é insuficiente para determinar o que é peculiar à técnica moderna e dos seus produtos. Porém, a representação antropológico-instrumental da técnica permanece tão cativante e tão persistente que a diferença inegável entre os dois instrumentos pode ser explicada pelo extraordinário progresso da técnica moderna. Mas a representação antropológico-instrumental da técnica não apenas permanece dominante porque se impõe inicial e palpavelmente, mas porque é exata em seu contexto. Essa exatidão é ainda confirmada e reforçada pelo fato de que a representação antropológica não só determina a interpretação da técnica, mas também afirma-se como o modo de pensamento decisivo em todas as áreas. Isto torna ainda menos possível objetar diretamente à exatidão da representação antropológico-instrumental da técnica. E mesmo que fosse esse o caso, a questão da técnica não estaria esclarecida. Porque a coisa exata ainda não é a verdadeira, ou seja, aquilo que nos mostra o que é mais próprio de uma coisa e o preserva.

---

<sup>5</sup> O *Telstar*, lançado em 10 de julho de 1962 da Estação da Força Aérea de Cabo Canaveral, foi o satélite que possibilitou a primeira transmissão de televisão ao vivo entre Europa e os Estados Unidos.

Mas como devemos chegar ao que é mais próprio da técnica moderna? Como podemos repensar a noção corrente de técnica moderna? Aparentemente, apenas de forma a trazeremos especificamente o que se chama de técnica moderna, e efetivamente com base no que hoje é.

Um repensar de uma ideia tão decisiva determinada por isso deve se contentar em permanecer uma suposição. Mas mesmo como uma suposição, ainda é uma aposta sobre o que se costumava dizer.

Para chegar a um caminho adequado com este projeto, é necessária uma breve meditação sobre a palavra “técnica”. Pertence ao modo de pensamento predominante hoje de considerar uma meditação e, portanto, uma meditação exterior e supérflua sobre a palavra que nomeia uma coisa – o que, no entanto, não é motivo para ignorar tal meditação ou mesmo omiti-la.

A palavra “técnica” deriva do grego *technikón*. Isso designa o que pertence à *technè*. Mesmo na língua grega antiga, esta palavra significa a mesma coisa que *epistemè* – isto é, velar sobre uma coisa, a fim de compreendê-la. *Technè* significa: conhecer o caminho em torno de algo, ou seja, mais precisamente de produzir algo. Mas para uma compreensão verdadeira da *technè* à maneira do pensamento grego, bem como para uma compreensão adequada da técnica posterior e moderna, tudo depende de nosso pensamento sobre a palavra grega em seu sentido grego e de evitar projetar sobre esta palavra representações posteriores ou atuais. *Technè*: conhecer-se no ato de produzir. Conhecer-se é um modo de conhecimento, de reconhecimento e de saber. Segundo a experiência grega, o fundamento do conhecer repousa na abertura, revelando o manifesto como o que está presente. Da mesma forma, o conceito grego para produzir significa não tanto fabricar, manusear e operar, mas o que nossa palavra alemã produzir (*herstellen*) significa literalmente: pôr ou fazer levantar, tornando algo manifesto como algo que não estava presente antes como algo.

Para colocá-lo de forma breve e precisa: *technè* não é um conceito do fazer, mas um conceito do saber. *Technè* e, portanto, técnica, significa na verdade: que alguma coisa é posta (*gestellt*) no manifesto, de modo acessível e disponível, sendo trazido à sua posição (*Stand*) como algo que está presente. Na medida em que o traço básico do saber prevalece na técnica, a própria técnica oferece a possibilidade e exige que esse saber próprio seja desenvolvido especificamente numa ciência que lhe corresponda, que se desenvolva e se ofereça. Eis aqui um acontecimento e um acontecimento no decorrer de

toda a história da humanidade apenas dentro da história do Ocidente europeu no princípio, ou melhor, como o princípio daquela época a que chamamos de idade moderna.

É por isso que agora consideramos a função e o caráter da ciência natural moderna no interior da técnica moderna, na tentativa de trazer a essência da técnica moderna à vista a partir do que hoje é. A outra manifestação que se destaca ao lado do papel proeminente das ciências naturais é a natureza ilimitada do domínio irrestrito da técnica moderna. Presumivelmente, ambas as manifestações estão relacionadas porque têm a mesma origem.

No sentido da representação antropológico-instrumental corrente da técnica moderna, esta é vista como a aplicação prática das ciências naturais modernas. No entanto, há um número crescente de vozes, tanto de físicos quanto de tecnólogos, que consideram a técnica moderna como ciência natural aplicada inadequada. Em vez disso, fala-se agora de apoio mútuo como de um “escoramento recíproco” (Heisenberg), na relação entre ciência natural e técnica. Principalmente porque a física nuclear se encontra encurralada numa situação que a obriga a verificações desconcertantes, a saber, que o aparato técnico usado pelo observador no experimento ajuda a codeterminar o que está acontecendo no átomo, ou seja, é acessível em suas aparências e o que não é. No entanto, isso significa nada menos do que: a técnica é codeterminada pelo conhecimento. Só pode ser isso se o que é mais próprio tiver em si algo do caráter de conhecimento. Não se pensa até agora, no entanto, contentamo-nos em estabelecer uma inter-relação entre as ciências naturais e a técnica. Ambas são chamadas de “irmãs gêmeas”, o que não diz nada a menos que suas origens comuns sejam levadas em consideração. No que se refere à relação mútua entre as duas, aproximamo-nos dos fatos, de tal forma que agora são ainda mais enigmáticos e, portanto, dignas de questionamento. Uma relação recíproca entre ciência natural e técnica só pode existir se ambas forem colocadas no mesmo nível, se a ciência não for apenas o fundamento da técnica, nem a técnica for apenas a aplicação da ciência. O vermelho e o verde são semelhantes na medida em que concordam um com o outro a respeito da mesma coisa, de que são realmente cores.

Agora, em que é que a ciência natural moderna e a técnica moderna concordam e são, portanto, a mesma coisa? Qual é o caráter próprio de uma e de outra? A fim de colocar isso pelo menos em perspectiva, é necessário considerar o que há de novo nas ciências naturais modernas. Isso é determinado, mais ou menos conscientemente, pela questão condutora: como a natureza, enquanto área de estudo, deve ser planejada com antecedência de modo que os processos naturais possam ser calculados com



antecedência? Nesta questão duas coisas são incluídas: por um lado, uma decisão sobre o caráter da realidade da natureza. Max Planck, o fundador da física quântica, expressou essa decisão numa proposição curta: “Real é o que permite sua mensuração.” Somente o que pode ser calculado com antecedência é considerado como ente. Por outro lado, a questão norteadora das ciências naturais contém o princípio da primazia do método, isto é, da investigação contra *o que* é assegurado como um objeto designado em tal procedimento em face à natureza. Uma característica dessa prioridade é que, na física teórica, a liberdade de contradição das proposições e a simetria das equações fundamentais permanecem decisivas de antemão. Por meio do projeto matemático da natureza que se cumpre na física teórica e pelo questionamento experimental da natureza de acordo com esse projeto, a natureza é desafiada a responder a determinadas relações e, por assim dizer, é obrigada a falar como se devesse questionar (*gleichsam zur Rede gestellt*). A natureza é obrigada a se mostrar numa objetividade calculável (Kant).

Contudo, é precisamente esta intimação desafiadora (*herausfordernde Stellen*) que constitui simultaneamente a característica fundamental da técnica moderna. Ela impõe à natureza a exigência de fornecer energia. Está em jogo fornecer e produzir (*bei- und herzustellen*), no sentido literal, e de disponibilizar. Esta intimação que domina a técnica moderna desdobra-se em diversas fases e formas inter-relacionadas. A energia encerrada na natureza é desbloqueada, o que é desbloqueado é transformado, o que é transformado é intensificado, o que é intensificado é armazenado, o que é armazenado é distribuído. Essas maneiras pelas quais a energia natural é assegurada são controlados, cujo controle, por sua vez, deve ser novamente assegurado.

O que foi dito sugere a ideia de que a ciência natural moderna, com sua intimação teórica e descritiva da natureza em vista de uma objetividade calculável, poderia ser uma variante da técnica moderna. Então, a concepção corrente da relação entre a ciência natural e a técnica teria que ser revertida: não é a ciência natural que é a base da técnica, mas a técnica moderna é a característica fundamental da ciência natural moderna. Embora o reverso esteja se aproximando, não chega ao cerne da questão. No que diz respeito à relação entre a ciência natural moderna e a técnica moderna, é preciso lembrar que o que há de mais próprio a ambas, sua origem comum, está oculto no que denominamos intimação desafiadora. Contudo, em que o que ela consiste? Mas evidentemente uma atividade humana enquanto uma representação e produção do ser humano contra a natureza. Por meio da interpretação da técnica moderna agora adquirida, a representação antropológica da técnica não é apenas confirmada em seu direito, mas também reforçada.

Ou tal representação se tornará completamente problemática pelo que agora foi apontado? Devemos adiar a resposta até que tenhamos considerado o outro fenômeno da técnica moderna, a saber, o *caráter irresistível de seu domínio ilimitado*.

O pedido de socorro, que até recentemente era frequentemente expresso, de que o curso da técnica deve ser dominado e o ímpeto cada vez maior por novas possibilidades de desenvolvimento deve ser controlada, testemunha muito claramente que o medo é expresso aqui de que uma reivindicação pudesse falar na técnica moderna, cuja implementação o ser humano não pode parar, nem mesmo ignorar e dominar como um todo. Nesse ínterim – e isso é especialmente significativo – essas chamadas de emergência estão se tornando cada vez mais silenciosas; o que não significa de forma alguma que o ser humano agora tenha o controle seguro da técnica. Em vez disso, o silêncio revela que o ser humano se considera perplexo e impotente face à reivindicação de poder da técnica, ou seja, isto é, na necessidade de afirmar a caráter irresistível do domínio da técnica, seja de maneira expressa ou implicitamente. Se, nessa afirmação do inevitável, aderimos plenamente à representação instrumental corrente da técnica, então, isso quer dizer: adere-se aos fatos do triunfo de um processo que se limita a fornecer continuamente meios sem estabelecer nenhum fim na varredura do processo.

Contudo, foi demonstrado que a representação de meios e fins não afeta de forma alguma o que é mais próprio à técnica. Seu caráter mais próprio reside no fato de que nele se expressa a pretensão de desafiar a natureza a fornecer e garantir a energia natural. Essa exigência é mais poderosa do que qualquer propósito humano. Afirmá-lo significa nada menos do que reconhecer uma força secreta no reino do que hoje é. Isso significa: uma exigência que vai além do ser humano que a planeja e opera. O que é mais próprio da técnica moderna não é apenas uma fabricação simplesmente humana. O ser humano de hoje é desafiado pela exigência a desafiar a natureza para a mobilização. O próprio ser humano é intimado e submetido à exigência de corresponder a esta exigência.

Chegaremos mais perto do mistério do que é verdadeiramente dominado tecnicamente no mundo hoje, se simplesmente reconhecermos a exigência real da técnica moderna ao ser humano para desafiar a natureza a fornecer sua energia, em vez de apenas reconhecê-la através das impotentes manifestações a fim de evitar objetivos limitados à preservação da humanidade.

Contudo, o que tudo isso tem a ver com a língua? Em que medida é necessário falar da língua dos tecnólogos, isto é, falar de uma língua técnica determinada pela natureza

própria da técnica? O que é a língua, que é precisamente ela que permanece exposta de maneira especial à exigência de domínio da técnica?

*Nota do editor*

Este escrito reproduz o texto manuscrito, anteriormente inédito, depositado no Arquivo de Literatura Alemã em Marbach, da conferência que Martin Heidegger proferiu em 18 de julho de 1962 durante uma sessão para professores acadêmicos das escolas profissionais na Academia de Estado para a Formação Contínua, em Comburg (Schwäbisch Hall). A conferência surgiu por sugestão e mediação do filho de Martin Heidegger, Jörg Heidegger, então engenheiro graduado e professor numa escola profissional.

Pela ocasião da edição do texto, erros evidentes do autor foram manifestamente corrigidos. A grafia e estilo próprios de Heidegger foram conservados.

As notas foram acrescentadas pelo editor.

Gostaria de agradecer muito cordialmente ao Arquivo de Literatura Alemã em Marbach, especialmente à senhora Dra. Brigitte Schillbach, por seu precioso auxílio.

Attental, março de 1989

*Hermann Heidegger*